

785494267
C9558
60.09

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

**O SUJEITO CAPIRA:
UM GESTO DE REESCRITURA EM MONTEIRO LOBATO**

Franciely Sousa da Cruz



Pontes e Lacerda-MT

2012/1

Franciely Sousa da Cruz

**O SUJEITO CAPIRA:
UM GESTO DE REESCRITURA EM MONTEIRO LOBATO**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Eliana de Almeida.

Banca Examinadora

Profª. Drª. Eliana de Almeida

Orientadora

Prof. Rogério Martins

Banca Examinadora

Profª. Drª. Leila Jacob Salomão Bisinoto

Banca Examinadora

Profª. Drª. Rosely Aparecida Romanelli

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado saúde para concluir este trabalho, a minha orientadora profª. Drª. Eliana de Almeida por não ter desistido de mim, aos meus pais Francisca e Márcio Francisco pelo apoio e incentivo sempre, a minha amiga Suellen pelas alegrias e tristezas divididas ao longo desta árdua caminhada e a meu esposo Cledisom pela compreensão e pelo apoio.

RESUMO:

Este trabalho tem como proposta compreender discursivamente os modos pelos quais o sujeito nacional brasileiro se constitui nos contos de Lobato, especificamente no que concerne ao pequeno produtor rural, denominado de Jeca pelo autor. Sob a contingência histórica da imigração brasileira, coincidindo com as políticas progressistas do governo federal, Lobato mobiliza com os sentidos de higienização em relação ao sujeito caipira de modo a ditar-lhe, via literatura, regras para a construção de um sujeito nacional. Compreender os sentidos que se produzem a partir dessa higienização na língua escrita em dois contos, especificamente, o *Velha Praga* e o *Jeca Tatu – A Ressurreição*, constitui o foco de nosso interesse, visto que se organizam a partir de uma memória de erudição clássica em relação à língua e das determinações históricas dos anos 30 a 50 do século passado, constituindo o sujeito nacional brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Jeca Tatu, Monteiro Lobato, sujeito caipira.

Só o que está morto não muda!
Repito por pura alegria de viver: A
salvação é pelo risco, sem o qual a
vida não vale a pena!

Clarice Lispector

SUMÁRIO

1- Introdução.....	8
2- Capítulo Primeiro- Descrição do Material: Um Olhar Discursivo.....	9
3- Capítulo Segundo- Quadro Teórico.....	15
4- Capítulo Terceiro- Outras Análises e Considerações Finais.....	22
5- Bibliografia.....	30

INTRODUÇÃO

No trabalho que se segue estabelecemos uma relação discursiva dos contos *Velha Praga* (1914) e *Jeca Tatu – A Ressurreição* (1918), ambos escritos pelo autor Monteiro Lobato. Nessa investigação foi possível mostrar no primeiro conto que o autor abordou o sujeito caipira a partir de um lugar ideológico condicionado por uma memória discursiva decorrente do seu contexto histórico. Porém o principal enfoque foi mostrar a reescritura que é o conto *Jeca Tatu – A Ressurreição*, uma vez que tal qual *Velha Praga*, no conto *Jeca Tatu* o autor diz o que foi dito naquele, porém com outros procedimentos de escrita e para outro público leitor.

Antes de mostrarmos como de fato ocorre o processo de reescrituração, fizemos no primeiro capítulo intitulado Descrição do Material: Um olhar Discursivo, uma breve descrição do material a ser trabalhado bem como um pouco da vida do autor, o que se fez necessário para embasarmos a questão de que o discurso tecido pelo autor em relação ao sujeito caipira é decorrente de uma memória discursiva advinda do contexto histórico ao qual esteve inserido.

No segundo capítulo intitulado Quadro Teórico, apresentamos por meio dos teóricos, Eni P. Orlandi, Helena H. Brandão, Eduardo Guimarães, Maria Onice Payer e Michel Pêcheux, as noções que serão mobilizadas durante o percurso da análise, a qual foi desenvolvida no terceiro e último capítulo, intitulado Outras Análises e Considerações Finais e passou por dois momentos de igual importância sendo que no primeiro mostramos como o autor, em *Velha Praga*, atribui estereótipos ao sujeito caipira se valendo de características carregadas de preconceitos e (dês) construção do homem do campo. Enquanto que no segundo momento da análise mostramos como foi desenvolvido o procedimento de reescrituração do conto *Jeca Tatu – A Ressurreição*, na qual o autor fala exatamente o que foi dito em *Velha Praga*, contudo, com outros recursos de escrita, tendo-se com isso o processo da paráfrase e polissemia que se pauta na ideia de dizer o que foi dito de uma outra maneira.

1 - DESCRIÇÃO DO MATERIAL: UM OLHAR DISCURSIVO

A figura do sujeito caipira criada por Monteiro Lobato quando este escreveu o artigo *Velha Praga* em 1914, se significa como sendo um sujeito preguiçoso e como alguém prejudicial à sociedade. Logo, quando o autor escreve em 1918 o conto *Jeca Tatu - A Ressurreição*, traz a figura do caipira novamente, porém, desta vez como um personagem que tem a preguiça como sendo uma doença comprovada pela ciência que legitima a verdade. Como se tais sentidos fossem preexistentes a Lobato. É uma mera inscrição neste discurso. O imaginário sobre o sujeito caipira funciona como se fosse um sentido preexistente, uma posição ideológica em relação aos pequenos proprietários de terra, em um momento de extrema ausência de incentivos à produção agrícola.

Sendo assim proponho pelo viés da Análise de Discurso, analisar neste trabalho como se constitui a memória discursiva sobre o sujeito caipira, através dos contos citados acima. Para isso, levanto como questão compreender como se constitui a memória discursiva que produz e cria a personagem Jeca Tatu, enquanto sujeito caipira.

Na contingência histórica da imigração brasileira, coincidindo com as políticas progressistas do governo federal, Lobato mobiliza com os sentidos de higienização em relação ao sujeito caipira de modo a ditar regras para a construção de um sujeito nacional. Compreender os sentidos que se produzem na língua escrita dos contos constitui o foco de nosso interesse, visto que se organizam a partir das determinações históricas dos anos 30 a 50 do século passado, constituindo o sujeito nacional brasileiro.

A Análise de Discurso (Pêcheux, 1988; 2004; Orlandi, 2001; 2009;) supõe a metodologia de uma pesquisa bibliográfica, que toma os processos de significação como objeto e que trabalha com a constituição dos sentidos entre sujeito, língua e mundo. Desse modo, o mundo, o sujeito, logo, os sentidos são criados na/pela língua. Consideramos assim que a história é textualizada na linguagem, na medida em que os enunciados são compreendidos na sua relação com as condições de produção.

Neste sentido, faz-se necessário discutir a questão do sujeito uma vez que o sujeito não existe sem o discurso e o discurso se fundamenta na posição ideológica na qual o sujeito se inscreve. Sendo assim ambos estão ligados pela produção de sentidos de maneira que um

produz o outro. Logo, temos nos contos de Monteiro Lobato essa polissemia representada pelo autor. Consideramos que Lobato tenta no conto *Jeca Tatu – A Ressurreição* reformular o seu discurso em relação ao sujeito caipira dando a este outras características e inscrevendo-se na mesma posição ideológica de discriminação do sujeito caipira, de modo que, já existem sentidos pré-existentes que sustentam a relação discurso, sujeito e ideologia. Essa ideologia é a condição para a produção de efeitos de sentidos.

No caso dos contos de Lobato que serão os materiais de leitura, mostraremos como estes sentidos atribuídos ao caboclo, ao caipira, são significados de maneira diferente, constituindo assim outros sentidos.

José Renato Monteiro Lobato nasceu em 18 de abril de 1882 em Taubaté no interior de São Paulo. É considerado o grande escritor brasileiro da literatura infanto-juvenil, além de escrever artigos, entre outros textos, que denunciavam os problemas da sociedade da época. Além de escritor foi editor, jornalista, defensor da exploração do petróleo no Brasil. Formou-se em direito no ano de 1904 e exerceu por sete anos o cargo de Promotor do Ministério Público. Mais tarde herda a fazenda de seu avô o Visconde de Tremembé, entretanto, Lobato fracassa como fazendeiro devido às grandes secas e queimadas que ocorreram em suas terras e é a partir daí que escreve para o jornal O Estado de São Paulo, o artigo de grande repercussão intitulado *Velha Praga*.

Muda-se para São Paulo onde funda uma editora, que sete anos mais tarde também abre falência. A partir disso, Lobato decide mudar-se para o Rio de Janeiro, ingressa na carreira diplomática prestando serviços como adido comercial nos Estados Unidos. Durante o tempo em que residiu nos EUA, Lobato observou a diferença entre os padrões de vida dos americanos e dos brasileiros, e estando impressionado com tais diferenças escreve *O Choque das Raças*. Quando Monteiro Lobato retorna ao Brasil, decide lutar pela exploração do petróleo fundando a Cia. Petróleo do Brasil, indo, portanto contra o governo da época Getúlio Vargas o que ocasiona a sua prisão no ano de 1941, por conta de uma longa carta que Lobato escreveu para Getúlio Vargas denunciando questões do petróleo.

Sua bibliografia resume-se em contos como *Urupês* (1918), *Cidades Mortas* (1919), *Negrinha* (1920), *A onda verde* (1921), *Mundo da lua* (1923), *O macaco que se fez homem* (1923), entre outros. Escreveu crônicas e memórias de viagens bem como textos dedicados ao público infanto-juvenil os quais o consagraram como o criador da literatura infantil no Brasil.

Lobato foi um dos poucos a apoiar a exploração do petróleo e do ferro no país, mas a sua luta terminou em 4 de julho de 1948 aos 68 anos de idade quando veio a falecer em São Paulo.

O livro *Urupês* foi o livro de estréia de Monteiro Lobato como escritor. Publicado no ano de 1918, a obra trata de questões referentes à imigração do sujeito caipira para os grandes centros, mais precisamente para São Paulo, é composta de 14 contos e 1 artigo intitulado *Velha Praga*, que é o material de nosso recorte. Lobato aborda neste livro os costumes, tradições, crenças e o linguajar do povo caipira. Esta obra, mais exatamente o artigo *Velha Praga* é considerada o discurso fundador de um imaginário pejorativo ao sujeito caipira brasileiro (ao homem do campo), pois mostra o homem do campo como o grande destruidor da natureza e conseqüentemente o responsável pela desvalorização do solo devido ao fato de realizar suas queimadas. Entretanto, em *Jeca Tatu - A Ressurreição* este caipira é outro, um sujeito de linguagem mais desenvolvida, que tem sua vida transformada após ser medicado.

Por ter sido criado na fazenda de seu avô, o escritor teve muito contato com pessoas do meio rural, os trabalhadores do campo, o que lhe inspiraram a escrever vários textos sobre os costumes dessas pessoas de vidas simples, de uma posição ideológica que fica marcada na materialidade da escrita de sua obra. Deste modo, em seus textos Lobato sempre se colocava como o grande proprietário do campo;

A visão que o patrão Lobato tem do trabalhador rural é fortemente condicionada pela imagem racista da população brasileira, comum a uma elite intelectual, da qual ele faz parte, formada no início do século, que, baseada no binômio civilização-progresso preocupa-se em construir uma nação moderna, livre de traços caipiras predominantes no interior, mas também presentes na cidade. (Leandro, apud Fraiz, 2007, p.2).

Percebe-se que ao escrever o artigo *Velha Praga* em 1914, Lobato permitiu-se influenciar por uma posição superior de patrão, ou seja, ele via os homens do campo apenas como simples e eternos trabalhadores da terra, e que na sua concepção jamais chegariam ao progresso, a uma melhora de vida. A escrita de Lobato teve tamanha repercussão na sociedade daquela época que desde então sua obra se constitui como uma matriz ideológica fundante de sentidos para o sujeito caipira brasileiro. A representação do caipira nas obras lobatianas nos permite compreender as imagens sobre o homem do campo e essa visão do sujeito caipira está condicionada a essa imagem até os dias atuais como se fosse uma espécie de marca registrada.

Temos nos textos de Monteiro Lobato: *Velha Praga* e *Jeca Tatu - A Ressurreição* o mesmo sujeito, porém representado de maneira diferente pelo autor. A literatura brasileira nos apresenta alguns livros que abordam essa questão da visão de Monteiro Lobato para com o sujeito caipira. Sendo que o caipira de *Velha Praga* é apontado como uma praga que causa grandes prejuízos para os proprietários de terras, (...), *Lobato herdou enorme fazenda. Dedicou-se a ela, mas fracassou como fazendeiro, devido às secas e queimadas sucessivas em suas terras. Foi nessa ocasião que Lobato enviou ao jornal O Estado de São Paulo um artigo de grande repercussão: Velha Praga.* (MICHALANY, 1921, p.252).

Enquanto que em *Jeca Tatu - A Ressurreição* o caboclo se caracteriza como um homem simples, desassistido pelo governo e que precisava de cuidados médicos, *Ao criar o Jeca Tatu, Lobato denunciou corajosamente o drama do caboclo brasileiro, abandonado e esquecido de todos.* (MICHALANY, 1921, p.253).

Assim Lobato reformula o seu discurso em relação ao sujeito caipira. No artigo *Velha Praga*, Lobato denuncia o caboclo influenciado por uma posição discursiva que o vê como indigno na sociedade, o que deixa em evidência o seu lugar ideológico, o de proprietário de terras. Deste modo, mais tarde ao ver a repercussão que suas denúncias trouxeram, decide reescrever sobre o caipira de modo a mostrar ao leitor que tudo o que havia escrito anteriormente, era para mostrar à sociedade o descaso do governo com as pessoas do interior uma vez que o personagem Jeca Tatu necessitava apenas de cuidados médicos. Contudo, esse texto é utilizado por uma empresa de medicamentos para apresentar a marca Fontoura, mais precisamente do produto Biotônico Fontoura, uma espécie de energético que segundo o conto de Lobato foi o responsável pela melhora de Jeca. Percebemos assim que Monteiro Lobato tenta não se responsabilizar pelas coisas que escreveu sobre o caipira.

Elencamos aqui que o artigo *Velha Praga* é a obra que constituiu a imagem e memória do sujeito caipira o homem rural brasileiro, símbolo do homem simples do campo, uma vez que através do discurso de Lobato uma memória sobre o sujeito caipira se constituiu como verdade.

É notável no começo do texto *Velha Praga* que tal título nada mais é do que o modo como o autor se refere ao caipira. Funciona como um pressuposto de que o caipira não é bem aceito na sociedade brasileira, visto que Lobato define o sujeito caipira a partir de

características que menosprezam o trabalhador rural, chamando-o de preguiçoso, praga interruptora do progresso, parasita etc.;

Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. A medida que o progresso vem chegando com a via férrea, o italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele refugiando em silencio, com o seu cachorro, o seu pilão, a pica-pau e isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna. Encoscorado numa rotina de pedra, recua para não adaptar-se (URUPÊS, 1994 p.161)

Já no texto *Jeca Tatu - A Ressurreição*, Lobato nomeia o caipira dando a este o nome de Jeca Tatu, desta vez o caipira não é mais uma praga, mas sim um sujeito doente, abandonado pela sociedade e que necessita de ajuda. Ressaltasse nesta obra também, a tentativa de silenciar/apagar os sentidos anteriormente divulgados sobre o caipira na obra *Velha Praga*. Além disso, no título do texto *Jeca Tatu - A Ressurreição* a palavra ressurreição esta relacionada ao fato de que o sujeito caipira nessa obra é mostrado como um doente que se transforma em outra pessoa após receber cuidados médicos.

Mais tarde, graças à repercussão que teve o artigo, devido o fato de Lobato ter afundado com a figura do caipira dando a este, características negativas que o desvalorizaram e o fizeram ficar conhecido no país inteiro como um sujeito preguiçoso e desinteressado, recebendo assim a culpa por todos os problemas enfrentados pelo agricultor, Lobato reescreve o artigo em uma tentativa sem sucesso de tentar retirar a culpa jogada por ele ao caipira, com intuito de desfazer a injustiça que havia cometido no artigo *Velha Praga* para com o homem do campo.

O discurso lobatiano teve o poder de caracterizar a figura de Jeca Tatu de forma que essa memória discursiva se configurou como um imaginário do/sobre o sujeito caipira no Brasil, cujos efeitos perduram até os dias atuais, ou seja, até hoje os dizeres sobre o homem rural o tomam como um ser preguiçoso e desprovido de inteligência. Desse modo a publicação de *Jeca Tatu - A Ressurreição*, não conseguiu apagar da memória dos enunciatários a imagem construída por Lobato no que se refere ao sujeito rústico.

Ao que tudo indica, Monteiro Lobato escreveu o artigo *Velha Praga* como uma denúncia contra as constantes queimadas do caboclo, porém o jornal ao qual Lobato enviou a

carta acreditou por sua vez que tal artigo renderia grandes polêmicas e decidiu publicá-lo para os demais leitores.

2- QUADRO TEÓRICO:

A Análise de Discurso trabalha com a constituição dos sentidos, sujeito, língua e mundo de modo que se estabelecem constitutivamente, sendo que o mundo é criado pela língua e essa língua significa o sujeito no mundo. Desse modo, a história é textualizada na linguagem, ou seja, um texto materializa a história fazendo com que a língua se torne matéria significante. Nessa perspectiva, ORLANDI (2000, p.15) vai dizer que;

A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana.

Fica posto com isso, que o objetivo da Análise de Discurso é o de compreender as maneiras pelas quais os sentidos se produzem na língua. Para melhor desenvolvimento deste trabalho, inicialmente explicitaremos algumas das noções fundamentais para a Análise de Discurso, que serão mobilizadas durante nossa análise, uma vez que estão relacionadas com o nosso objeto de estudo.

Para pensar a memória da língua precisa-se antes compreender o funcionamento da memória discursiva, uma vez que é através dela que o texto (seja qual materialidade significante for) constitui sentidos. Um texto não se significa apenas pelas palavras que o constitem, pois para sua interpretação é necessário um discurso que as firme como verdade. É importante ressaltar que um texto não tem uma única verdade, não é transparente e constitui-se por diferentes posições-sujeito.

Neste sentido, faz-se necessário especificar a noção do sujeito uma vez que este não existe sem o discurso e o discurso se fundamenta nas práticas discursivas do sujeito sobre o mundo, sendo assim, ambos estão ligados materialmente pela produção de sentidos de maneira que um produz o outro. O discurso estrutura a subjetividade no modo como acontece no homem pela linguagem.

Ao interpretar, notamos que a ideologia se evidencia uma vez que nos possibilita produzir sentidos pelo imaginário. Sendo assim a ideologia é a responsável pela relação sujeito e sentidos bem como exerce grande papel na relação linguagem e mundo. O sujeito interpreta o mundo, logo o ato de interpretar tem a ver com a ideologia, uma vez que esta funciona na linguagem como um elo entre língua e história, conforme ORLANDI, (2000, p.47) *Assim considerada, a ideologia não é ocultação, mas função da relação necessária entre linguagem e mundo. Linguagem e mundo se refletem no sentido de refração, do efeito imaginário de um sobre o outro.*

Ainda com base em ORLANDI,(2000, p.48);

A ideologia, por sua vez, nesse modo de a conceber, não é vista como conjunto de realidade. Não há, aliás, realidade sem ideologia. Enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido (...).

A ideologia se afirma a partir do momento que interpretamos algo no intuito de encontrar sentidos para determinado objeto simbólico. A partir daí, Orlandi,(2000, p. 46) vai dizer que *a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer.* Nessa perspectiva, a autora destaca ainda que não existe na ideologia ocultações de sentidos, mas sim apagamentos de sentidos durante a sua constituição, ORLANDI (2000 p. 49);

O trabalho ideológico é um trabalho da memória e do esquecimento, pois é só quando passa para o anonimato que o dizer produz seu efeito de literalidade, a impressão do sentido-lá: é justamente quando esquecemos quem disse “colonização”, quando, onde e por que, que o sentido de colonização produz seus efeitos”.

O sujeito é interpelado por sentidos que se constituem historicamente através de formações ideológicas. Estas, por sua vez, irão determinar o discurso do sujeito, ORLANDI, (2000, p.36);

As ilusões não são “defeitos”, são uma necessidade para que a linguagem funcione nos sujeitos e na produção de sentidos. Os sujeitos “esquecem” que já foi dito- e este não é um esquecimento voluntário- para, ao se identificarem com o que dizem se constituírem em sujeito. É assim que suas palavras adquirem sentidos, é assim que eles se significam retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles e é assim que sentidos e sujeitos estão em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas, mas, ao mesmo tempo, sempre outras.

Deste modo, sujeito, língua e história estão ligados pelo movimento constante da história, sendo através da interpretação que o sujeito se realiza na língua, sentidos e mundo. Para Helena Brandão (2002, p.38), o discurso é um dos aspectos materiais da ideologia e por isso:

(...) pode-se afirmar que o discurso é uma espécie pertencente ao gênero ideológico. Em outros termos, a formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Isso significa que os discursos são governados por formações ideológicas.

Em relação à questão da memória esta faz parte da construção do discurso e por isso (ORLANDI, 2000 p.31) *tem suas características, quando pensada em relação ao discurso*. Logo a memória se atualiza quando o sujeito enuncia e, a partir disso, constitui o interdiscurso, esse lugar do já-dito que apreende o sujeito ao dizer, que segundo (ORLANDI, 2000 p.31):

Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pre-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.

Consideramos que Lobato reformula o discurso literário em relação ao sujeito caipira, dando-lhe outras características, no modo como pré-existem aos sentidos pelo imaginário social. Essa ideologia é a responsável por produzir os efeitos de sentidos na sociedade. No caso dos textos de Lobato que são os materiais de análise, mostrarei como estão constituídos os efeitos de sentidos atribuídos ao caboclo.

Observamos na obra *Urupês* que os sentidos atribuídos à personagem Jeca-tatu são aqueles que o colocam como um sujeito inútil, pois uma vez dada à memória discursiva sobre o sujeito caipira, esta memória não poderá ser dita de outro modo. Assim, Lobato tenta apagar

da memória discursiva de sua escrita literária os sentidos dados a personagem Jeca Tatu, pelo procedimento de re-escritura, conforme veremos posteriormente a partir de Guimarães (1999). Quanto a isso BRANDÃO, (2002 p.79) destaca que;

A noção de memória discursiva, portanto, separa e elege dentre os elementos constituídos numa determinada contingência histórica, aquilo que, numa outra conjuntura dada, pode emergir e ser atualizado, rejeitando o que não deve ser trazido à tona. Exercendo, dessa forma, uma função ambígua na medida em que recupera o passado e, ao mesmo tempo, o elimina com os apagamentos que opera, a memória irrompe na atualidade do acontecimento, produzindo determinados efeitos a que já referimos.

Sentidos e sujeitos se inscrevem na memória através de deslizamentos metafóricos produzidos na ação discursiva. Essa memória tem sua importância comprovada na construção da enunciação, ela é a estruturação da materialidade dos sentidos, deste modo algo já-dito jamais poderá ser refeito no intuito de adquirir outros sentidos. É neste sentido que ORLANDI, (2000 p.31) elenca que *é o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível*, assim a memória é um lugar de retomada da palavra.

Conforme BRANDÃO, (2002 p.12), lemos;

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente (na medida em que está engajada numa intencionalidade) e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestações da ideologia. (...) Como elemento de mediação necessária entre o homem e sua realidade e como forma de engajá-lo na própria realidade, a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais. Seu estudo não pode estar desvinculado de suas condições de produção.

O interdiscurso assim é de importância para as formulações históricas e ideológicas da língua, visto que nos permite analisar o funcionamento interdiscursivo na sua materialidade. Assim sendo (ORLANDI, 2000, p.33), *Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso (...).*

Ainda em relação ao interdiscurso, afirma a autora ORLANDI, (2000 p.32);

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas nossas palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele.

Além disso, sobre o interdiscurso PÊCHEUX (1997 p.162) vai defini-lo como um “todo complexo” que abriga uma multiplicidade de saberes (discursivos) correlacionados a um lugar de sentido, do qual “algo fala” sempre “antes, em outro lugar e independentemente”. Sendo assim para ORLANDI, (2000 p.17), *o estudo da linguagem não pode estar apartado da sociedade que a produz. Os processos que entram em jogo na constituição da linguagem são processos históricos e sociais. É deste modo, que nós, enquanto indivíduos, nos constituímos em sujeitos inscrevendo-nos no discurso, dando, por conseguinte lugar a diferentes sentidos.*

Através das noções de paráfrase e polissemia, é que compreendemos os modos pelos quais se inscrevem na história os sentidos entre o mesmo e o diferente. Através da paráfrase podemos observar como os sentidos se repetem na história, ao mesmo tempo em que produz outros sentidos. A polissemia funciona como ruptura e deslocamento nesses processos de significação, visto que a língua repete o discurso literário, no entanto produz sentidos outros para a língua, ORLANDI (2000 p.36,37);

E é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam. Se o real da língua não fosse possível de ruptura não haveria transformação, não haveria movimento possível, nem dos sujeitos nem dos sentidos. É porque a língua é sujeita a equivoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito, ao significar se significa.

Deste modo, ORLANDI, (2000, p.38), vai definir a paráfrase e a polissemia como;

(...) paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem, uma vez que ela é a própria condição de existenciados discursos, pois se os sentidos-e os sujeitos-não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de e dizer. A polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico.

A memória discursiva compreende esse movimento entre a paráfrase e a polissemia, podendo vir a produzir diferentes efeitos de sentidos, em relação àqueles já dados pela ideologia. Quanto a isso Maria Onice Payer (2009 p.4) vai dizer que;

[...] o discurso funciona em uma relação intrínseca à memória, na medida em que há uma memória discursiva que, vindo da exterioridade, das relações de sentidos sócio-históricas, se apresenta nos discursos. Falamos com base em discursos que nos antecederam, retomamos enunciados que circulam socialmente, e assim (nos) significamos, em formações discursivas, que representam no campo do discurso as ideologias, as mentalidades, as culturas.

A autora ainda destaca que (2009 p.4);

Essa memória do dizer funciona através da repetição, por meios de paráfrases que retomam dizeres que já foram ditos, ora mantendo-os em seus sentidos, ora transformando-os. [...] O específico da memória no discurso é que ela não se mostra como tal. O sujeito falante retoma enunciados pré-existent, mas o faz como se fosse inscrito na linguagem aqui e agora, partindo dele mesmo, o falante.

A partir de GUIMARÃES, (1999, p.3), quando trata dos processos de reescritura na língua, pode-se dizer que a reescritura está condicionada à textualidade. Esta por sua vez é constituída por processos de deriva, ou seja, mudanças de sentidos,

O interessante desta deriva é que ela se dá exatamente nos pontos de estabelecimento de identificação de semelhanças, de correspondências, de igualdade. Quando uma forma se dá como igual/correspondente a outra, o sentido está em movimento e constitui textualidade. Não há textualidade sem deriva de sentido. O procedimento de deriva da textualidade faz com que algo do texto seja interpretado como diferente de si. O que pretendo dizer é que os procedimentos de textualidade são procedimentos de reescritura. Ou seja, são procedimentos pelos quais a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito. Assim a textualidade é efeito desta reescritura infinita da linguagem que se dá como finita por uma posição de autoria.

A partir disso, destacamos então que o processo de reescritura define-se como algo que menciona o mesmo da memória discursiva utilizando para isto palavras diferentes. Isso nos permite compreender que Lobato produz com o texto *Jeca Tatu - A Ressurreição* uma

reescritura do artigo *Velha Praga*, de modo que o primeiro rediz o segundo através das noções de paráfrase e polissemia, nos termos de Guimarães (1999).

Contudo, mostraremos melhor o funcionamento da reescritura no próximo tópico, elencando o modo como o autor Monteiro Lobato a produz em *Jeca Tatu - A Ressurreição*, a partir do artigo *Velha Praga*.

3- OUTRAS ANÁLISE E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lobato faz uma reescritura do artigo *Velha Praga* com o conto *Jeca Tatu - A Ressurreição*, de modo que o segundo rediz o primeiro. Compreenderemos esse jogo em nossa análise através das noções de paráfrase e polissemia. Como vimos anteriormente, a língua escrita no texto literário *Velha Praga* constitui uma linguagem erudita, ou seja, uma linguagem, em termos gramaticais e do discurso da escrita, bem formulada, inclusive, de difícil compreensão àqueles não escolarizados. É uma sintaxe que obedece a todas as regras gramaticais e editoriais de formulação.

Lobato escreve em *Velha Praga* “Andam todos em nossa terra por tal forma estonteados com as proezas infernais dos belacíssimos “vons” alemães, que não sobram olhos para enxergar males caseiros”, (URUPÊS, 1994, p.159). Em “belacíssimo” notamos uma memória de erudição da língua, conforme característica do discurso da escrita, pois termos assim não são empregados na língua coloquial. Há em funcionamento uma memória discursiva de erudição significando o sertão na língua, em relação a uma posição sujeito.

A língua marca-se pela diferença entre um lugar urbano definindo por Monteiro Lobato como o lugar de prestígio e progresso, em relação à posição do sujeito do campo. Lobato, ao se preocupar em demasiado com as queimadas sem ao menos encontrar uma solução para amenizá-las, imputa tais responsabilidades ao sujeito caipira, pequeno proprietário de terra.

Em *Velha Praga*, Lobato repudia os hábitos do sujeito caipira por atear fogo nos pastos, com intuito de limpar a terra para o plantio de lavouras. Emprega pela primeira vez o qualificativo *Jeca Tatu* ao sujeito caipira, gesto do qual rendeu fama ao configurá-lo como grande depredador da natureza.

No entanto, há na memória da língua diferentes sentidos que constituem e determinam a posição discursiva na qual se inscreve o autor de *Velha Praga*, visto que, mais adiante, no conto infantil *Jeca Tatu - A Ressurreição* produz um distanciamento em relação à língua no *Velha Praga*. O autor tenta enxergar-se num recuo, em relação às suas formulações em *Velha Praga* e busca produzir um deslocamento ideológico, que não o condene como preconceituoso em relação ao sujeito caipira, como em *Velha Praga*.

Em *Jeca Tatu - A Ressurreição* o sujeito caipira mantém-se para o sujeito-escritor como um sujeito rural, decadente, desnutrido, sob o imaginário de doenças e, ainda por cima, ignorante, sem quaisquer possibilidades de saberes, com chagas, além de outros males.

Percebemos que em *Velha Praga* os sentidos atribuídos ao sujeito caipira são determinados por uma memória discursiva que compreende a sociedade a partir de diferenças sociais e econômicas. Como vimos, Monteiro Lobato era neto de um grande fazendeiro, o que significa dizer que o autor fazia parte de uma elite de sua época, impondo-lhe em sua produção a posição de patrão. Lobato toma nos materiais que analisamos o sujeito caipira como um pobre coitado. Com isso podemos dizer que quando o narrador da obra em questão atribui características de cunho preconceituoso ao caipira, nada mais é do que a memória discursiva da língua que constitui o autor, de modo que pensa estar conscientemente em um lugar ideológico outro.

Em *Velha Praga* temos;

(...) um parasita, um piolho da terra, peculiar ao solo brasileiro como o Argas o é aos galinheiros ou o Sarcptes mutans à perna das aves domésticas. Poderíamos, analogicamente, classificá-lo entre as variedades do Porriigo decalvans, o parasita do couro cabeludo produtor da “pelada”, pois que onde ele assiste se vai despojando a terra de sua coma vegetal até cair em morna decrepitude, nua e descalvada.(URUPÊS, 1994, p.161)

Fica posto com isso a relação existente entre o contexto histórico pelo qual o autor do conto é atravessado, com o discurso presente no texto, pois os sentidos atribuídos ao caboclo são atravessados por essa memória discursiva a qual o autor se constitui, tanto que em *Velha Praga* o caipira é descrito como um sujeito que;

Com a picapau o caboclo limpa a floresta das aves incautas. Pólvora e chumbo adquire-os vendendo palmitos no povoado vizinho. É este um traço curioso da vida do caboclo e explica o seu largo dispêndio de pólvora; quando o palmito escasseia, rareiam os tiros, só a caça grande merecendo sua carga de chumbo; se o palmital se extingue, exultam as pacas: está encerrada a estação venatória. Depois ataca a floresta. Roça e derruba, não perdoando ao mais belo pau. Árvores diante de cuja majestosa beleza Ruskin choraria de comoção, ele as derriba, impassível, para extrair um mel-de-pau escondido num oco.

Pronto o roçado, e chegado o tempo da queima, entra em funções o isqueiro. Mas aqui o “sarcopite” se faz raposa. Como não ignora que a lei impõe aos roçados um aceiro de dimensões suficientes à circunscrição do fogo, urde traças para iludir a lei, cocando dest’arte a insigne preguiça e a velha malignidade. (URUPÊS 1994, p.162)

Vale mencionar que ao descrever o caipira com as características acima mencionadas, o autor se mostra preconceituoso com o homem do campo, porém o autor se faz coerente com a posição tomada, haja vista que como foi dito em outro momento o autor fala do personagem a partir de um lugar ideológico que não o permitiria dizer de outra maneira.

Lobato mostra uma linguagem com influencia latina que era normalmente utilizada na literatura da época. Outra questão que nos permite afirmar que o conto foi escrito para os membros da alta sociedade deve-se ao fato de que logo no início da obra o narrador direciona a fala para as “gentes civilizadas” denunciando a barbárie causada pelo caipira, vejamos;

Preocupa à nossa gente civilizada o conhecer em quanto fica na Europa por dia, em francos e cêntimos, um soldado em guerra; mas ninguém cuida de calcular os prejuízos de toda sorte advindos de uma assombrosa queima destas. As velhas camadas de humus destruídas; os sais preciosos que, breve, as enxurradas deitarão fora, rio abaixo, via oceano; o rejuvenescimento florestal do solo paralizado e retrogrado; a destruição das aves silvestres e o possível advento de pragas insetiformes; a alteração para piora do clima com a agravação crescente das secas; os vedos e aramados perdidos; o gado morto ou depreciado pela falta de pastos; as cento e uma particularidades que dizem respeito a esta ou aquela zona e, dentro delas, a esta ou aquela “situação” agrícola. (URUPÊS, 1914 p.160)

Em *Velha Praga*, Lobato faz sua denuncia as pessoas “civilizadas” que não vêem o tamanho do problema causado pelo sujeito caipira à sociedade, em decorrência de suas ações para com a natureza. O autor, (dês) constrói o sujeito caipira, caracterizando-o com estereótipos tais como: preguiçoso, ignorante, inútil, depredador da natureza, incapaz de se adaptar a modernidade sem nenhum desejo de permanência ou realização, ou seja, um sujeito desprezível cuja ação desmedida de incendiar a serra é tão terrível como a guerra que permeia a Europa.

Esses estereótipos atribuídos ao sujeito caipira por Monteiro Lobato são totalmente contrários às características que o índio e o caipira vinham recebendo na literatura brasileira. Como pessoas marginalizadas na sociedade ocidental e conseqüentemente excluídas de nossa sociedade brasileira, foram personalidades exaltadas em nossa literatura. Isso significa dizer que o autor de *Velha Praga* cria uma nova concepção acerca do sujeito caipira, tirando-o daquele lugar idealizado de exaltação, mostrando na língua o rebaixando a uma condição miserável e infeliz.

Em *Jeca Tatu - A Ressurreição*, o que o autor não imaginava é que uma nova roupagem ao sujeito caipira teria repercussão. Na modernidade, novas características passaram a definir o homem do campo, pondo o sujeito caipira não mais ao lado da preguiça, da ignorância, da incapacidade de adaptar-se ao novo, etc.

O autor reescreve os sentidos do sujeito caipira no conto *Jeca Tatu - A Ressurreição*, produzindo o deslizamento de palavras, através da reescritura (Guimarães, 1999) do *Jeca Tatu* em relação ao *Velha Praga*. No gesto de Lobato, a posição ideológica do autor é a mesma. Em *Jeca Tatu - A Ressurreição* a língua faz supor pela reescritura uma extrema ignorância do sujeito caipira, no modo como o narrador se dirige a seu interlocutor, usando uma linguagem simplificada, em relação à erudição do *Velha Praga*. O autor produz na língua o efeito de simplificação, como que para ser compreendida.

O autor assume o gesto de abrir mão da linguagem erudita, quase que num gesto consciente, utilizando uma linguagem coloquial, sem os adjetivos pejorativos dados ao sujeito caipira de *Velha Praga*. Ao escrever *Jeca Tatu - A Ressurreição* Lobato, refaz a leitura do sujeito caipira, ou seja, o autor em questão se utiliza da reescritura para falar do mesmo objeto (o caipira) com palavras e sentidos diferentes.

Durante a reescritura de *Jeca-Tatu A Ressurreição* Lobato parafraseia o conto *Velha Praga* apenas no primeiro momento, pois em determinado momento, mais precisamente quando o personagem Jeca encontra o médico, são movimentados outros sentidos, mobilizando os efeitos da polissemia, (GUIMARÃES, 1999 p.3):

Esta reescrituração trabalha também insistentemente a tensão entre o parafrástico e o polissêmico na linguagem. Volta ao dito para continuar dizendo, ou apontar um futuro do dizer, sem ainda ter dito, dá ao sujeito, pela própria injunção à reescrituração, o lugar de seu trabalho sobre o mesmo que o aprende e que refaz ao parafrasear, já que a paráfrase é tensionada pelo polissêmico.

Uma das grandes diferenças entre *Velha Praga* e *Jeca Tatu - A Ressurreição*, reside no fato de que na primeira o personagem caipira não tem nome. O *sujeito Caipira* é tratado tão somente com apelidos pejorativos, ao passo que na segunda o personagem é denominado de Jeca Tatu, o que não significa dizer que em *Jeca Tatu - A Ressurreição* o caipira ainda não permaneça na fronteira do atraso, tanto que logo no início do conto o personagem é descrito como sendo:

um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivía na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, e de vários filhinhos pálidos

e tristes. Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha idéia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto corria um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E assim ia vivendo. Dava pena ver a miséria do casebre. Nem móveis, nem roupas, nem nada que significasse comodidade. Um banquinho de três pernas, umas peneiras furadas, a espingardinha de carregar pela boca, muito ordinária, e só. Todos que passavam por ali murmuravam: - Que grandessíssimo preguiçoso! (URUPÊS 1994 p.1)

No conto *Jeca Tatu - A Ressurreição* o sujeito caipira é tido como pobre, coitado, e literalmente doente como podemos verificar na citação que se segue, assim o autor da uma justificativa para a condição do personagem;

Um dia um doutor portou lá por causa da chuva e espantou-se de tanta miséria. Vendo o caboclo tão amarelo e magro, resolveu examiná-lo. - Amigo Jeca, o que você tem é doença. - Pode ser. Sinto uma canseira sem fim, e dor de cabeça, e uma pontada aqui no peito, que responde na cacunda. - Isso mesmo. Você sofre de ancilostomíase. - Anci... o que? - Sofre de amarelão, entende? Uma doença que muitos confundem com a maleita. - Essa tal maleita não é sezão? - Isso mesmo. Maleita, sezão, febre palustre ou febre intermitente: tudo a mesma coisa. A sezão também produz anemia, moleza e esse desânimo do amarelão; mas é diferente. Conhece-se a maleita pelo arrepio ou calafrio que dá, pois é uma febre que vem sempre em horas certas e com muito suor. (URUPÊS 1994 p.2-3)

Mesmo supondo o atraso e a preguiça neste contexto, o sujeito caipira passa a ser visto como um doente e, portanto, incapaz de progresso, desenvolvimento, daí os estereótipos serem os mesmos, o caipira de *Jeca Tatu - A Ressurreição* em que o caipira passa a ser visto não mais como o causador de sua anemia social, mas sim como vítima de políticas públicas de um Estado que deixa o homem do campo sem saneamento, condição de higiene dentre outros benefícios que o Estado não disponibiliza, à margem do desenvolvimento. Assim, o sujeito caipira que em *Velha Praga* era tido como um parasita agora é um *parasitado por verminoses*, com outras palavras de praga o sujeito caipira passa a ser vítima, pois precisa de proteção do Estado.

Prova disso, é que ao contrário do sujeito caipira de *Velha Praga* que é incapaz de aderir ao progresso, em *Jeca tatu - A Ressurreição*, o personagem que inicialmente é tratado como preguiçoso, incapaz, coitado, ou seja, que possui todas as características do sujeito caipira de *Velha Praga*, deixa essa condição inicial após ter sido assistido por um doutor que um dia passou perto da casa de Jeca Tatu e se espantou com tanta miséria, ao ver a aparência abatida, amarela e magra do personagem se dispôs a examiná-lo e concluiu que a preguiça e o amarelão seriam frutos de uma doença, da qual Jeca deveria tratar-se.

Feito isso, a preguiça de Jeca Tatu desapareceu, o mesmo tornou-se outro homem, forte corajoso, valente, ou seja, o sujeito caipira passou da condição de degradação para a condição de um verdadeiro herói, o mesmo passou a desenvolver atitudes das quais foi julgado incapaz de desenvolver em *Velha Praga* como, por exemplo, aderir o novo a tecnologia tanto que após ser tratado da doença que o fazia preguiçoso e adquirir coragem de trabalhar, o autor descreve a fazenda que o caipira construiu com o trabalho de seu próprio esforço da seguinte forma;

A fazenda de Jeca tornou-se famosa no país inteiro. Tudo ali era por meio do rádio e da eletricidade. Jeca, de dentro do seu escritório, tocava num botão e o cocho do chiqueiro se enchia automaticamente de rações muito bem dosadas. Tocava outro botão e um repuxo de milho atraía todo o galinhame... Suas roças eram ligadas por telefones. Da cadeira de balanço na varanda, ele dava ordens aos feitores, lá longe. Chegou a mandar buscar nos Estados Unidos um telescópio. - Quero aqui desta varanda ver tudo o que se passa em minha fazenda. E tanto fez, que viu. Jeca instalou os aparelhos, e assim pode, da sua varanda, com o charutão na boca, não só falar por meio do rádio para qualquer ponto da fazenda, como ainda ver, por meio do telescópio, o que os camaradas estavam fazendo. (URUPÊS 1994 p.7)

Vemos, portanto que o desfecho do conto *Jeca tatu - A Ressurreição* segue outra vertente o sujeito caipira se transforma em um sujeito moderno, o que ocorre pelo fato de que nesse conto a condição de preguiça e ignorância do personagem é justificada por uma doença, o que não significa dizer que nesse conto o autor não trata o sujeito caipira com preconceito, já que independentemente dessa justificativa a condição de preguiça e ignorância do personagem foi dita, tanto que inicialmente as condições e as ações do sujeito caipira são descritas exatamente da mesma maneira que em *Velha Praga*.

O fato de o personagem sair dessa condição reforça ainda mais a instauração do preconceito com relação ao sujeito caipira já que o mesmo para se salvar tinha que deixar de ser o que era para se transformar em um sujeito moderno, dito de outro modo a salvação do sujeito caipira estava justamente condicionada a sua extinção, extinção esta que pode ser vista no próprio discurso do sujeito caipira que antes deixava claro que se contentava com o que tinha, pois "não pagava a pena" se esforçar e após sua "cura" diz: - *É que agora quero ficar rico. Não me contento com trabalhar para viver. Quero cultivar todas as minhas terras, e depois formar aqui uma enorme fazenda. E hei de ser até coronel...* (URUPÊS, 1994, p.5)

Outro modo de expressar características preconceituosas ao reescrever o sujeito caipira em *Jeca tatu - A Ressurreição* deve-se à linguagem ironicamente mais simples utilizada pelo autor que se utiliza dessa linguagem simples, pois o texto em questão é escrito para uma clientela outra, a qual o autor julga preconceituosamente incapaz de compreender a linguagem erudita e com isso reescreve os sentidos de *Velha Praga* em *Jeca tatu - A Ressurreição* por meio de uma linguagem

singular repleta de palavras no diminutivo como se estivesse escrevendo para pessoas que precisam de alguém que as segure na mão e as conduzam compreensão.

Deste modo vemos que por meio da reescrituração Lobato mobiliza o discurso pedagógico para redizer o que já foi dito por ele, porém de maneira diferente e para outro público leitor. Dessa forma vemos o funcionamento dos processos da paráfrase e polissemia esclarecida por Orlandi, já que a paráfrase consiste justamente em dizer o que já foi dito ao passo que a polissemia resume-se em dizer de outro modo o que foi dito.

No conto *Jeca Tatu - Ressurreição* mais especificamente no trecho a seguir: *Jeca Tatu era tão fraco que quando ia lenhar vinha com um feixinho que parecia brincadeira. E vinha arcado, como se estivesse carregando um enorme peso.* (URUPÊS, 1994, p.1) observamos que ao colocar a palavra “brincadeira”, o autor a utiliza no sentido de fraca, ocasionando assim um deslize no sentido da mesma que passa a significar outra coisa, ridicularizando o caipira Jeca.

O caipira apresentado em *Jeca-Tatu A Ressurreição* é a principio o mesmo de *Velha Praga*;

Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha idéia de plantar um é de couve atrás da casa. Perto um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E assim ia vivendo. (URUPÊS, 1994, p.1)

Temos aqui uma formulação textual que provoca a visão de um sujeito infantil. O que vemos no início do conto é que toda a escrita é feita de modo a mostrar para o leitor os modos não corretos adotados pelo sujeito caipira, para que só então mais tarde o autor de certo modo reescrever este personagem dando então a ele novos costumes e características.

Posta essas questões, concluímos que em *Velha Praga* o Jeca Tatu não tinha propriedades, sua fala era silenciada através do autor, entretanto em *Jeca Tatu - A Ressurreição* esse autor dá propriedades e voz ao caboclo para que assim ele possa ser ouvido. Tudo isso Lobato faz com o intuito de reestruturar sua leitura a respeito do sujeito caipira. Temos em *Velha Praga* a questão do silenciamento. Aqui, Lobato silencia o caipira sem dar a este as mínimas condições de defesa contra o discurso preconceituoso do autor.

Deste modo, todo o discurso é elaborado a partir da visão de um proprietário de terras, e é através desse proprietário que conhecemos o sujeito caipira. O que comprova o que foi dito mais acima de que Lobato silencia a voz desse sujeito caipira, de tal modo que tudo o que conhecemos sobre o roceiro é a partir da visão do autor. A única frase supostamente dita pelo caipira segundo o autor é a seguinte - *Êta fogo bonito!* (URUPÊS, 1994 p.164). É evidente que se trata de uma fala atribuída para o caipira, fala esta que é convencionada as opiniões do autor. No texto *Velha Praga* nem o nome do caipira nos é revelado pelo autor.

É desta forma que Lobato movimenta os processos de reescritura em seu conto, dando a este a textualidade. Lobato volta ao que foi dito por ele em *Velha Praga* para formular um novo discurso, entretanto, os sentidos de preconceito em relação ao sujeito caipira se mantêm em suas formulações. O caipira de *Jeca Tatu - A Ressurreição* tem agora um nome Jeca Tatu ao contrario do caipira de *Velha Praga* que era tratado apenas por nomes pejorativos como parasita entre outros.

BIBLIOGRAFIA:

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução a análise do discurso, 8ª edição Campinas, SP: editora da Unicamp, 2002.

GUIMARÃES, Eduardo. Textualidade e enunciação. In: *Escritos*. Campinas, LABEURB/UNICAMP, nº 2, 1999.

LOBATO, Monteiro. Urupês. 37ª Ed. Revisada. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MICHALANY, Douglas, 1921. Vultos da pátria. São Paulo, Gemsa, 1921.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PAYER, Maria Onice. A língua como lugar de memória. SYNÉRVIES BRESIL, nº 7, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. de Eni P. Orlandi (et al.). 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

<http://132.248.9.1:8991/hevila/Espacoplural/2007/vol8/nol6/9.pdf>

acesso em 13/09/2011

http://www.seminariosociologiapolitica.ufpr.br/anais2011/8_297.pdf

acesso em 24/03/2012